

VI Encontro Nacional da Anppas
18 a 21 de setembro de 2012
Belém - PA – Brasil

A Importância do Avatí Kyry (Batismo do Milho Branco) para a Saúde do Povo Guarani (Ñandeva e Kayowá) da Reserva Indígena de Dourados

SANTOS, Rodrigo Martins dos (UnB)
Geógrafo, Mestrando em Sustentabilidade junto a povos e terras indígenas no
Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB
rodrigo.mapas@gmail.com

BALLARINI, Arnaldo José (Min. Saúde)
Médico Veterinário, Especialista em saúde pública e epidemiologia, Mestre em desenvolvimento
Regional, Doutorando em Sustentabilidade no Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB.
Assessor-Técnico de planejamento do Ministro da Saúde
arnaldoballarini@hotmail.com

SOUZA, Kenedy Moraes (UnB)
Assistente Social, Mestrando em Sustentabilidade junto a povos e terras indígenas no
Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB
kenycara@hotmail.com

Resumo

O presente texto apresenta elementos do sagrado rito Avati Kyry dos Ñandeva e Kayowá da Reserva Indígena de Dourados, subgrupos da etnia Guarani, que apesar de serem diferenciados do ponto de vista linguístico, assemelham-se política e culturalmente, especialmente na terra indígena estudada. O texto inicia-se com a localização da área de estudo e a metodologia utilizada para a sua realização, que envolve relatos orais de uma anciã (ñandeci) Ñandeva, bem como levantamentos bibliográficos de estudos junto aos Guarani daquela reserva indígena. Em seguida inicia-se um excerto a respeito das origens do milho e sua relação com a saúde das culturas indígenas, logo após é focalizado o seu papel nas culturas Ñandeva e Kayowá. A seguir é relatado como se dá a realização do ritual Avati Kyry. Por fim, uma conclusão que enfatiza a relação dessa prática cultural-religiosa com a saúde e sobrevivência dos índios, apoiados nos conceitos de Langon (2008), que afirma que a resolução dos problemas de saúde, na questão indígena, desloca-se do campo da biomedicina para o campo cultural; e que a saúde não se resume ao bem-estar físico do corpo, mas sim, inclusive, ao bem da alma, que não pode ser diminuído apenas pela ausência de doenças. Assim, elementos culturais e religiosos, como o ritual do milho, integrantes da cosmologia Ñandeva e Kayowá, interagem com fatores físicos no seu sistema saúde/doença e cura. Além deste texto, compõe o presente estudo um curta-metragem disponível na internet através do link: <http://youtu.be/HkK6fucZyCk>.

Palavras-chave

Saúde indígena, religiosidade, Guarani, milho, batismo

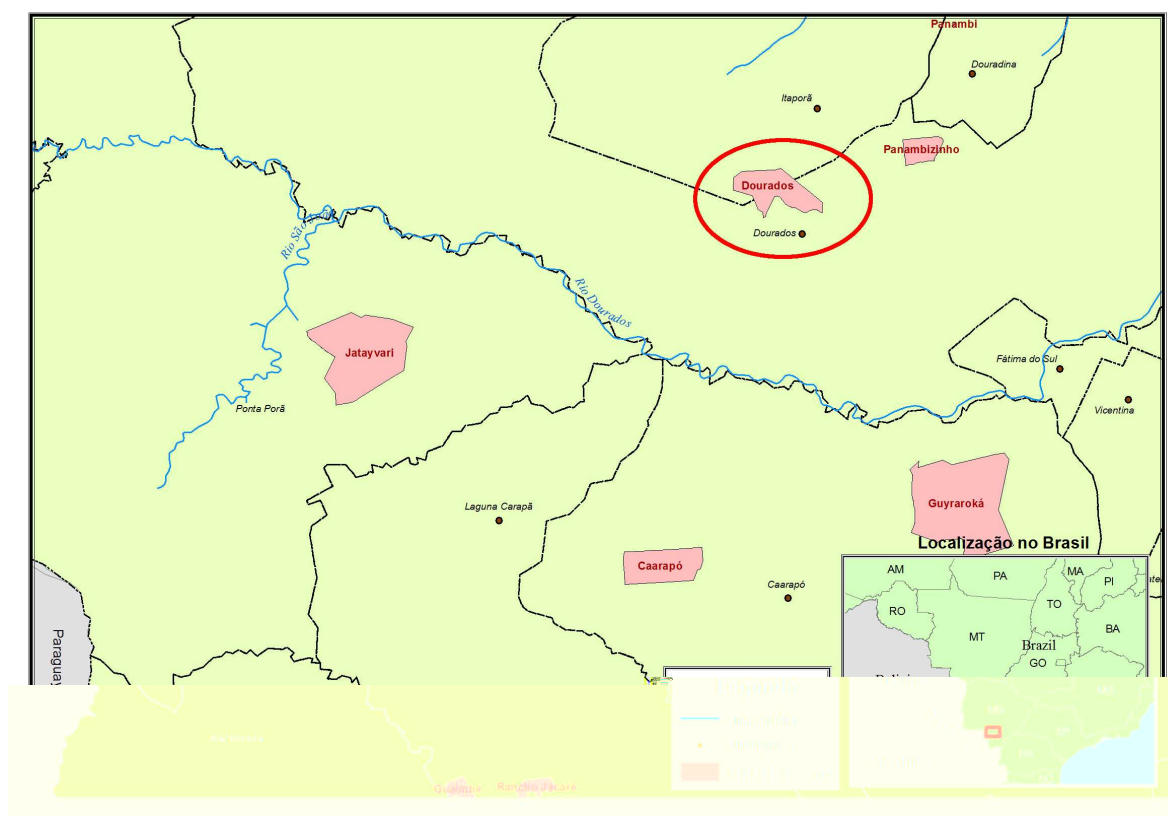
VI Encontro Nacional da Anppas

18 a 21 de setembro de 2012
Belém - PA – Brasil

Introdução

A Reserva Indígena de Dourados (RID), abrange porção dos municípios de Dourados e Itapuã, no Estado do Mato Grosso do Sul, Região Centro-Oeste do Brasil. Conforme apresentado na Ilustração 01. Foi criada pelo Decreto nº 401, de 03/09/1917, pelo antigo órgão indigenista oficial, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Possui extensão de 3.475 ha e população de 11.880 pessoas. (ISA, 2011).

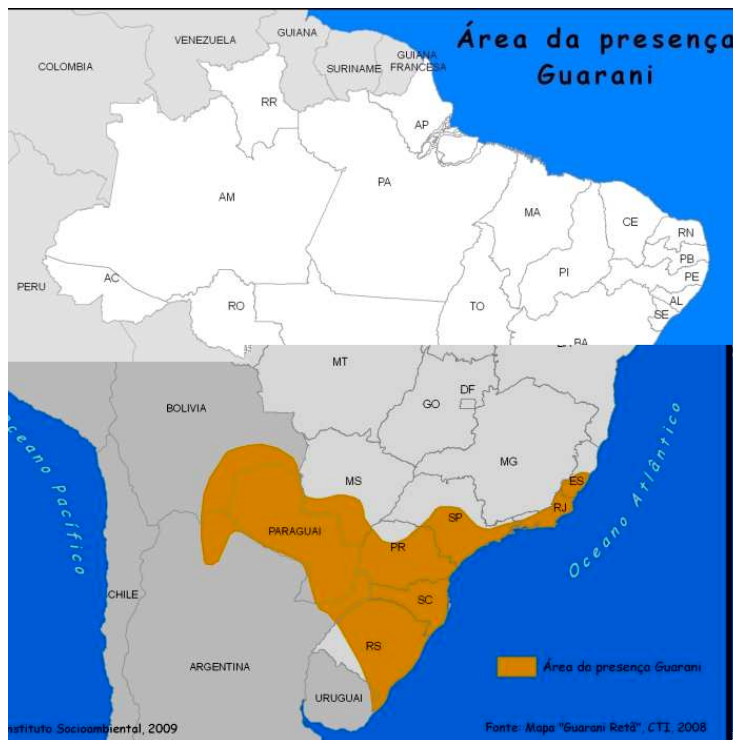
Ilustração 1. Mapa de Localização da Reserva Indígena de Dourados



Dados da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e do ISA (Instituto Socioambiental) apontam que a população Guarani do Brasil pode estar por volta de 50 mil pessoas, constituindo a maior nação indígena do país. (ISA, 2011).

Alwin (2009) afirma que os Guarani ocupavam extensos territórios entre os atuais estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, do litoral Atlântico até as bacias dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai, conforme apresentado pela Ilustração 02.

Ilustração 2. Área da presença Guarani



Pertencem a família linguística Tupi-Guarani, do tronco Tupi. (PREZIA & HOORNAERT, 2000). Apesar de compartilhar uma mesma raiz lingüística e cultural, os Guarani se dividiam historicamente em diferentes grupos: os mbiá (mbuá, mbwa, mbya), os nandeva também conhecidos como xiripá, e os kaiowá. (SCHADEN, 1982). O presente trabalho foca-se nos subgrupos Kaiowá e Ñandeva que compõe a maioria da população indígena da Reserva de Dourados, onde há ainda índios Terena convivendo com os Guarani.

Metodologia

O ritual foi descrito a partir dos relatos de uma índia guarani Ñandeva de 85 anos de idade moradora da Reserva Indígena de Dourados desde os seus primórdios, a *ñandesí* Júlia Chacule, entrevistada em novembro de 2011. Além da entrevista, uma bibliografia de estudos sobre a reserva indígena, sobre a cultura ñandeva e kaiowá, o milho, e a relação saúde e culturas indígenas, serviu de aporte

VI Encontro Nacional da Anppas 18 a 21 de setembro de 2012 Belém - PA – Brasil

teórico-conceitual para a apresentação de elementos e apoio nas análises. Onde destacamos os seguintes autores utilizados: Landgon (2008), Garnelo & Wright (2001), Vietta (2007), Mura (2006) e Ribas (2008).

Salientamos que a anciã entrevistada afirma que, na sua Reserva, a cultura Ñandeva é praticamente a mesma dos Kayowá. Os rituais são os mesmos, inclusive muitos líderes espirituais e políticos dos Ñandeva são Kayowá, e vice-versa.

Além deste material textual, este trabalho conta com uma apresentação na forma de um curta-metragem, com ilustrações, músicas, textos e entrevistas, bem como algumas ideias expostas no presente texto, de forma resumida e didática, numa linguagem simples, com o intuito de informar a respeito da problemática que é a degradação desse ritual para as culturas Ñandeva e Kayowá da RID.

O referido vídeo foi exibido no Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS-UnB) pelos seus diretores e realizadores, no mês de dezembro de 2011. Inclusive o indígena Kenedy Moraes, da etnia Guarani Ñandeva, que mesmo ausente fisicamente, pois estava em sua aldeia na Reserva Indígena de Dourados, pode participar das apresentações por meio de acesso à internet via *webcam*. Ele, assim como os outros integrantes do grupo (Arnaldo Ballarini e Rodrigo Santos) puderam explicar e apresentar seu ponto de vista, complementando a mensagem passada no vídeo, bem como responder às questões. Este curta-metragem está disponível na internet através do link: <http://youtu.be/HkK6fucZyCk>.

Origem do Milho

O milho é o mais importante alimento com origem nas Américas. Há indicações de que sua origem tenha sido no México, América Central ou Sudoeste dos Estados Unidos. É uma das culturas mais antigas do mundo, havendo provas, através de escavações arqueológicas e geológicas, e através de medições por desintegração radioativa, de que é cultivado há pelo menos 5.000 anos. (DUARTE, 2008).

O milho é considerado um alimento energético para as dietas humanas e animal, devido à sua composição predominantemente de carboidratos (amido) e lipídeos (óleo). A proteína presente nesse cereal, embora em quantidade significativa, possui qualidade inferior a de outras fontes vegetais e animais. (PAES, 2006).

VI Encontro Nacional da Anppas 18 a 21 de setembro de 2012 Belém - PA – Brasil

No Brasil, cerca de 4% do total da produção do milho, representando aproximadamente 1,6 milhões de toneladas, tem sido utilizada diretamente como alimento humano, e cerca de 10% da produção destinada às indústrias alimentícias, que transformam os grãos em diversos produtos, tais como amido, farinhas, canjica (mungunzá), flocos de milho e xaropes, entre outros. Dados da última pesquisa de aquisição domiciliar do Brasil, realizada pelo IBGE em 2002/2003, confirmam o milho como uma das mais importantes fontes alimentares da população brasileira. (*idem*)

Os povos indígenas preservaram e melhoraram suas variedades tradicionais de milho, assim como outras culturas, durante séculos. Com a influência de outros povos que vieram habitar o país, houve uma intrusão grande da cultura não indígena nas suas tradições, inclusive no aspecto alimentar. No decorrer do tempo, os índios deixaram de cultivar suas variedades de milho e passaram a cultivar outras espécies, como o arroz, por exemplo.

As variedades tradicionais indígenas representam muito da sua cultura, pois não se trata apenas do cultivo do milho; as variedades tradicionais têm importância na alimentação, na culinária e em outras tradições culturais, como festividades, cerimoniais e intercâmbio entre povos. É importante ressaltar que, até bem pouco tempo, as variedades tradicionais ainda eram cultivadas pelos índios. Com o avanço da fronteira agrícola, especialmente na década de 70, a influência da cultura branca foi mais intensa, o que levou à perda dessas variedades. (EMBRAPA, 2011).

O milho foi um alimento de peso significativo na dieta de vários grupos indígenas brasileiros revestindo-se também de um profundo significado religioso e cultural. Existem várias lendas indígenas sobre a origem do milho. Segundo Clemente Brandengurger citado por Cascudo (1954), os índios Pareci contam o seguinte:

Um grande chefe indígena, sentindo que ia morrer, chamou o seu filho, Kaleitõe, e ordenou-lhe que o enterrasse no meio da roça, logo que falecesse. Avisou, também, que, após três dias da inumação, brotaria uma planta de sua sepultura, e ela daria muitas sementes. O chefe pediu-lhe que não as comesse: deveria guardar as sementes para replantar. E, caso atendesse ao seu pedido, todos os índios ganhariam um recurso muito precioso. Kaleitõe seguiu o conselho do pai e foi, assim, que o milho apareceu entre eles. (Brandengurger *apud*. Cascudo, 1954).

VI Encontro Nacional da Anppas 18 a 21 de setembro de 2012 Belém - PA – Brasil

Há uma outra versão dessa lenda, contada pelos Guarani, segundo Pe. Carlos Teschauer citado por Cascudo, 1954:

A lenda guarani da origem do milho (*zea mays*) também envolve o sacrifício humano. Dois guerreiros procuravam inutilmente caça e pesca e desanimavam de encontrar alimento para a família, quando apareceu um enviado de Nhandeiará (o grande espírito) dizendo ser a luta entre os indígenas a solução única. O vencido seria sepultado ali mesmo, e de sua sepultura nasceria uma planta, que alimentaria a todos, dando de comer e beber. Lutaram os dois e sucumbiu *Avatí*. De sua cova nasceu o milho, *avatí abati*, no idioma tupi. (Teschauer *apud*. Cascudo, 1954).

O milho e a Saúde Indígena

O perfil de saúde-doença dos povos indígenas no Brasil é pouco conhecido, o que decorre da exigüidade de investigações e da precariedade dos sistemas de registro de informações de morbimortalidade. (COIMBRA JR. & SANTOS, 2000).

Assim, enquanto nós postulamos uma irreduzibilidade radical entre o organismo e o espírito, a tradição indígena chama a atenção para uma continuidade entre corpo e alma, substância e imaterialidade. (GARNELO & WRIGHT, 2001).

Os milhos tradicionais cultivados nos sistemas agrícolas indígenas tem suma importância para o desenvolvimento de ritos e mitos culturais. Além de ser para segurança alimentar o cultivo dessa espécie está relacionado ao fortalecimento da identidade cultural de muitos povos.

Com o avanço do agronegócio e a introdução de tratamentos culturais diferenciados o milho, assim, como outras espécies cultivadas nos roçados vem sofrendo processos de hibridização e perda da diversidade genética. Diante disso, deve haver ações de fortalecimento de práticas e costumes relacionados aos sistemas agrícolas e ao conhecimento tradicional dos povos indígenas, bem como a elaboração de políticas públicas que valorizem o importante serviço ambiental prestado pelos agricultores indígenas. (SILVA & DIAS, 2011).

Em se tratando da relação que é estabelecida entre o milho utilizado em rituais com a saúde dos povos indígenas, especificamente dos Nandeva e Kayowá, podemos através da vivência e conversa com anciões e pajés (*ñanderu*), afirmar que desde o momento em que uma criança nasce, a ela é

VI Encontro Nacional da Anppas 18 a 21 de setembro de 2012 Belém - PA – Brasil

abençoada pelo batismo, ficando assim livre de doenças no corpo e protegida de futuramente ser alguém de comportamentos desaprovados em seu contexto social.

Assim, o simbolismo presente em algo material, o milho, passa a ser um elemento fundamental que mantém vivo os rituais e práticas que compõem a identidade cultural daquele povo.

Ao se tratar especificamente de saúde indígena é importante ressaltar que a concepção de doença e saúde para os guarani é concebida sob uma perspectiva que se difere da sociedade ocidental onde a compreensão da saúde restringe a ausência de doença ou bem estar como um todo. Na concepção de saúde dos guarani é considerado todo o seu *Teko* (modo de ser).

O milho na cultura Ñandeva e Kayowá

É importante destacar que apesar da etnia Guarani abranger diversos dialetos, como o Mbyá, o Kayowá e o Ñandeva, dentre outros. Estes dois últimos convivem em diversas terras indígenas no território brasileiro e paraguaio, como na Reserva Indígena de Dourados (RID). Assim, as características culturais dos Kayowá e dos Ñandeva, na RID, são muito semelhantes, diferindo dos outros subgrupos Guarani.

Para os Guarani dessa reserva, o milho denota caráter múltiplo, como constata o antropólogo Fabio Mura em seu estudo denunciando as condições sociais, política, econômica, emocional-afetiva e territorial que passam as comunidades Guarani da Reserva Indígena de Dourados:

A falta de espaço territorial adequado, de condições ecológicas propícias e a recentemente afluência massiva de trabalhadores indígenas para as usinas têm favorecido a criação de um hábito alimentar que deixa os índios extremamente dependentes de cestas básicas e outros benefícios sociais promovidos seja pelo estado de Mato Grosso do Sul, seja por instituições federais. (MURA, 2006)

A cultura do milho puro ou branco, *avatí moroti*, é considerada sagrada, não deve ser comercializada pois é elemento determinante nas cerimônias anuais do batismo do milho, o *avatí kyry*.

A anciã Júlia Chacule, afirma que o milho branco (*saboró*) é o mais utilizado no ritual do *Avatí Kyry*, no entanto não é mais encontrado facilmente, e está ausente da comunidade Guarani da RID. Este fato

VI Encontro Nacional da Anppas 18 a 21 de setembro de 2012 Belém - PA – Brasil

contribui para o agravamento de seus problemas sociais, pondo em risco a saúde do povo, pois enfraquece a unidade do Teko Guarani, ou seja, é rompida a relação corpo-alma. (GARNELO & WRIGHT, 2001; LANGDON, 2008).

O ritual *Avatí Kyry*, ou batismo do milho

Segundo a senhora Júlia Chacule, são duas as principais festas anuais deste povo: a festa em que se comemora a colheita do milho verde (*Avatí Kyry*) e a outra denominada de *Kunumi pepy* o ritual de perfuração do lábio inferior dos meninos, ambos não praticados mais na RID. Ainda recentemente era praticado na Aldeia Panambizinho, localizada no município de Dourados, porém não daremos enfoque as descrições dos rituais dessa aldeia, posto que não é objeto deste trabalho, mas a utilizaremos para exemplificar os rituais não mais praticados na Reserva Indígena de Dourados, que são apresentados a seguir:

São assíduas e freqüentes as atividades religiosas *Ñandeva*, com práticas de cânticos, rezas e danças que, dependendo da localidade, da situação ou das circunstâncias, são realizados cotidianamente, iniciando-se ao cair da noite e prolongando-se por várias horas. Os rituais são conduzidos pelos *ñanderu* que são líderes e orientadores religiosos; contemplam necessidades corriqueiras como colheita da roça, ausência ou excesso de chuva. Entre os *kaiowa* e *ñandeva*, duas cerimônias têm destaque: a do *avatí kyry* (milho novo, verde) e do *mitã pepy* ou *kunumi pepy* (realizada em várias comunidades no Paraguai; no Brasil apenas uma comunidade a mantém). A primeira é celebrada em época de plantas novas (fevereiro, março) e tem no *avatí morotĩ* (milho branco), planta sagrada que rege seu calendário agrícola e religioso, a referência principal. Semanas de trabalho e envolvimento de muitas famílias para preparar o *kãguy* ou *chicha* e o lugar da cerimônia, antecedem sua realização. O *kãguy* é uma bebida fermentada, feita, nestas cerimônias, com o milho branco (mas também de mandioca, batata doce ou cana de açúcar) e preparada pelas mulheres. (ISA, 2011).

VI Encontro Nacional da Anppas 18 a 21 de setembro de 2012 Belém - PA – Brasil

A cerimônia em si, dirigida por um líder religioso, tem início ao cair do sol e finda na aurora do dia seguinte. Este xamã deve conhecer o *mborahéi puku* ou “canto comprido”, cujos versos, que não se repetem, não podem ser interrompidos depois de iniciada a cerimônia. A cada verso entoado pelo *ñanderu* a comunidade o repete, sempre acompanhados pelos *mbaraka* confeccionado e usado por homens e os *takuapu* usados por mulheres. Ao amanhecer, terminado o *mborahéi puku* (canto comprido), há o batismo da colheita (mandioca, cana, abóbora, batata doce, milho etc.), que permanece depositada no altar. Na noite seguinte a cerimônia do *avatí kyry* continua com cantos e danças mais profanos, os *kotyhu* e os *guahu*, por toda a comunidade e por muitas visitas que participam da cerimônia. (*ibidem*).

O batismo do milho é uma prática que atravessou gerações e atualmente permanece viva no imaginário dos que quando crianças puderam presenciar e viver um ritual hoje não mais praticado entre os Guarani da RID.

Chacule nos informou que o batismo do milho dentro de um processo ritualístico é o último dentre outros que o antecedem em um contexto de festa. Tudo se inicia com o um canto para iniciar a plantação, geralmente cantava durante toda a noite. O canto tinha como função sustentar a planta desde o momento em que era enterrada até a colheita, onde se batizava o milho. O milho era enterrado com um instrumento chamado de *Sarakua* (um pedaço de madeira geralmente feito de Guatambu, pontiagudo, usado para perfurar o solo).

Para os Kaiowa e Ñandeva que no início do período das chuvas plantaram *avatí moroti*, é tempo de colheita e de *avatí kyry*. O *avatí moroti* ou milho branco, alimento preferido dos *ñãdejara* (nossos deuses; donos do nosso ser; responsáveis por criar e cuidar do nosso ser) é dado aos *Kaiowa* e aos *Ñandeva* por *Jakaira* (dono do ser do milho), e por isso exige uma série de cuidados rituais. A princípio, qualquer produto de uma roça *kaiowa* e *ñandeva* prescinde de cuidados deste tipo, para garantir a presença dos *jara* associados às plantas, afastar as pragas, além de regular o regime de chuvas. Mas, a ligação com *Jakaira* transforma o *avatí* em um produto especial, exigindo cantos e outros procedimentos rituais durante a preparação do solo e a cada etapa do seu desenvolvimento. Os cantos alegam *Jakaira*, que vem dançar para que as suas plantas brotem e cresçam sadias. Porém, para que o *avatí* continue a produzir boas sementes também é preciso que os homens dancem e cantem. Por isso os Kaiowa e os Ñandeva realizam o *avatí kyry*, ritual anual, associado ao período de colheita, à *Jakaira* e ao *avatí*. (VIETTA, 2007).

VI Encontro Nacional da Anppas 18 a 21 de setembro de 2012 Belém - PA – Brasil

A anciã Chacule nos conta que o batismo do milho acontecia quando o milho já estava na fase de ser colhido. A colheita era feita pelas mulheres. Estas entravam no meio da plantação e colhiam uma única espiga de cada pé até encher o *Mynacu* (cesta guarani feita de pindó, utilizada para colocar o milho).

Enquanto as mulheres faziam a colheita, os homens dançavam. O milho era trazido e dele faziam a *chipa* que eram enroladas com o pariri e então enterradas na cinza com brasa para ser assada. Outro alimento preparado era o mingau, derivado do milho que chamam de *burututu* e também o *Caguidhu* que é um caldo de milho. Estes alimentos eram servidos a todos os que estavam na festa do batismo do milho. Antes de ser servido era feita um canto para agradecer o que a terra estava dando a todos.

Infelizmente, “o *saboró* [milho branco, utilizado nestes rituais] não é mais encontrado facilmente, e *sumiu da Reserva*”, relata com grande tristeza a experiente senhora Guarani.

A antropóloga Katya Vietta, descreve da seguinte forma o ritual do *Avatí Kyry*, a partir de constatações na aldeia Panambizinho, localizada no mesmo município da Reserva Indígena de Dourados, e que abriga Guarani dos mesmos dialetos (Kayowá e Ñandeva), mas que, diferentemente desta última comunidade, ainda pratica o ritual do milho:

Ao longo de pelo menos duas noites de lua cheia, durante os meses de janeiro, fevereiro ou março, ocorre o *avatí kyry*, contudo os preparativos iniciam muitas semanas antes. A família anfitriã realiza os convites, armazena e prepara alimentos para oferecer durante a festa, e prepara muitos litros de *kãgui*, bebida feita à base de milho fermentado, a ser consumida durante o ritual. Ao entardecer do primeiro dia do *avatí kyry*, homens empunham os *mbaraka* (chocalho) e mulheres empunham os *takuapu* (bastão de ritmo) para seguir em direção ao espaço ritual.

Cada família extensa chega ao local da festa cantando e dançando. Da mesma forma são recebidos pelos anfitriões e conduzidos ao interior da *oygusu* (casa grande), onde já se encontra o *yrariru* (vasilha confeccionada em cedro) contendo *kãguy*.

A primeira noite, parte mais sagrada do ritual, inicia com o *jerosy puku* (reza longa). No ritmo dos *mbaraka* e de algum *takuapu*, os Kaiowa [e Ñandeva] cantam a história da criação, enquanto executam uma dança circular, com

VI Encontro Nacional da Anppas 18 a 21 de setembro de 2012 Belém - PA – Brasil

eventuais paradas para o consumo de *kãgui*. Em poucas horas um estado de êxtase toma conta dos participantes, o qual se segue até as primeiras luzes do dia, quando todos deixam o espaço ritual para o cacique anfitrião iniciar o *hovasa* (espécie de benzimento) do *kãgui*. Durante alguns minutos, em silêncio, ele se coloca a frente do *yrariru*, com delicadeza e concentração realiza alguns gestos rituais até *Jakaira* revelar a sua face sobre o *kãgui*. Com isso conclui-se a primeira noite de ritual. Todos se recolhem para o descanso.

Na segunda noite tem início o *guahu* (tipo de canto ritual). Mas antes, o cacique anfitrião, correndo entre os homens dispersos no pátio externo da casa, ergue o seu *guyrapa* (arco com cerca de 2 m de altura) e pergunta: - Quem vai cantar o *guahu*? O *guyrapa* passa de mão em mão até chegar àquele que aceita o convite para conduzir o canto. Empunhado o *guyrapa*, o cantor conduz os demais caciques ao interior da *oygusu*. Eles formam um círculo ao redor do *yrariru* e junto a uma delicada dança circular, por algum tempo os *guahu* são entoados, até darem lugar ao *kotyhu* (tipo de canto lúdico). Homens, mulheres e crianças começam a ocupar lugar no círculo principal, enquanto outros círculos são rapidamente formados. Eles se ampliam, se contraem e se perpassam até que a poeira levantada do chão pouco deixa ver. A alegria e a descontração do *kotyhu* tomam conta da segunda noite. A partir de então é a quantidade disponível de *kãgui* que determina por quantas horas ou por quantas noites ainda há festa. Pois enquanto houver *kãgui* há *kotyhu*.

No entanto, se o *jerosy puku* e o *guahu* são predominantemente masculinos, na próxima lua o *avatí kyry* ganha mais uma noite de festa regada à *kãgui*. É o *jerosy mbyky* (reza curta), momento em que as mulheres dominam os procedimentos rituais. Mas a esta altura *Jakaira* já retornou aos patamares celestes, onde permanece até o próximo período de chuvas, quando se inicia um novo plantio de *avatí moroti*, e mais uma vez homens e deuses tem motivos para cantar e dançar. (VIETTA, 2007.)

A importância do Avatí Kyry para a saúde dos Nandeva e Kayowá

VI Encontro Nacional da Anppas 18 a 21 de setembro de 2012 Belém - PA – Brasil

Ribas (2008) analisando a situação nutricional na população Guarani Nandeva no Mato Grosso do Sul, revela altas taxas de desnutrição, principalmente em crianças. Isto devido ao empobrecimento das práticas alimentares como o abandono de alimentos de uso tradicional, destacando o milho. Nisto, podemos nos apropriando do conceito defendido por Langdon (2008) de que “a resolução dos problemas de saúde deslocou-se do campo da biomedicina e do corpo individual para o campo político/cultural e para o corpo social”.

Nos rituais dos povos indígenas tudo tem um sentido, assim como o *Avatí Kyry* para os Nandeva e Kaiowá, que vai além da simbologia para a boa colheita, a saúde está diretamente ligada ao bem viver como um todo. Assim, o ritual implica em afirmar e reafirmar as práticas que orientam a todo o povo, pois na medida em que os rituais são realizados, a vida sem mal no imaginário é constantemente reconstruída.

O ritual do batismo do milho, está intimamente ligado a saúde dos Guarani Nandeva e Kayowá, não somente pelo aspecto nutricional, mas sim pelo conceito de saúde como “bem estar físico, mental, social, ampliado com o bem da alma e não simplesmente a ausência de doença”, conforme afirma Langdon (2008). Apoiado nestes e noutros conceitos defendido pela citada antropóloga, podemos concluir que: Mais do que um evento do corpo, o *Avatí Kyry* é a ligação com a cosmologia Guarani (Nandeva e Kayowá), ou seja, fatores físicos, sociais e espirituais que interagem no sistema saúde/doença e cura.

A perda destes fatores, como relatamos neste trabalho, que integram os Nhandeva e os Kayowá da Reserva Indígena de Dourados à natureza e à sua cultura, resulta no desequilíbrio da saúde dessa comunidade. Ao entender o batismo do milho como um patrimônio desse povo, o desaparecer das práticas culturais materiais, por exemplo: milho, festa, plantio... e as imateriais como batismo, significado dos nomes... consequentemente leva a perda da saúde desse povo, pois são partes indissociáveis que compõem o *Avatí Kyry*, portanto, a perda de um levaria a perda do todo.

BIBLIOGRAFIA

ALWIN, J. Os direitos dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul: Confinamento e tutela no século XXI. São Paulo: FMUSP, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1954.

VI Encontro Nacional da Anppas 18 a 21 de setembro de 2012 Belém - PA – Brasil

COIMBRA Jr., C. E. A. & SANTOS, R. V. Saúde, minorias e desigualdade: Algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5:125-132. [s.l.]: [s.n], 2000.

DUARTE, J. O. Importância econômica do milho. *Cultura do milho e sorgo*. Embrapa, 2008

GARNELO, Luiza & WRIGHT, Robin. Doenças, cura e serviços de saúde. Representações, práticas e demandas Baniwa. *Caderno de Saúde Pública*, 17(2). [s.l.]: [s.n], 2001.

ISA – Instituto Socioambiental. Enciclopédia dos Povos Indígenas: 2006-2010. Ricardo, C. A. & Ricardo, A. (org.). São Paulo: ISA, 2011.

LANGDON, E. J. Saúde e povos indígenas: os desafios na virada do século. *Boletim de Ciências Sociais*. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em <http://www.antropologia.com.br/tribo/nessi/textos/Margsav.htm>.

MURA, Fábio. À procura do “bom viver”: Território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ-Museu Nacional, 2006.

PAES, M. C. D. Aspectos Físicos, Químicos e Tecnológicos do Grão de Milho. Circular técnica 75. Sete Lagoas-MG: Embrapa, 2006.

PREZIA, Benedito, & HOORNAERT, E. Brasil indígena: 500 anos de resistência. São Paulo: FTD, 2000.

RIBAS, Dulce, Lopes Barbosa. Alimentação e nutrição de povos indígenas de Mato Grosso do Sul. *CRN-3 Notícias*, Jul/set,2008

SCHADEN, Egon. Religião guarani e Cristianismo. *Revista de Antropologia*, vol 25. São Paulo: [s.n.], 1982.

SILVA, Sayonara, & DIAS, Terezinha. Guardiãs e guardiões da agrobiodiversidade do povo indígena Krahô. *Anais do Simpósio Internacional de Recursos Genéticos para América Latina y el Caribe*. Quito-Ecuador: SIRGEALC, 2011.

VIETTA, Katya. Histórias sobre terras e xamãs kaiowá: territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowá de Panambizinho (Dourados, MS) após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: USP, 2007.

VI Encontro Nacional da Anppas
18 a 21 de setembro de 2012
Belém - PA – Brasil

Página na Internet

EMBRAPA (2011) <http://plataformarg.cenargen.embrapa.br/rede-vegetal/projetos-componentes/pc13-conservacao-in-situ-e-on-farm-de-recursos-geneticos-em-comunidades-tradicionais-e-indigenas/planos-de-acao/pa7-multiplicacao-de-milho-indigena-para-entrega-em-comunidades>